

## ***A estética do sonho em tempos midiáticos***

por Beatriz Marsiglia e Leonardo Mussi<sup>52</sup>

A vida só parecia digna de ser vivida quando se dissolvia a fronteira entre o sono e a vigília, permitindo a passagem em massa de figuras ondulantes, e a linguagem só parecia autêntica quando o som e a imagem, a imagem e o som, se interpenetravam, com exatidão automática, de forma tão feliz que não sobrava a mínima fresta para inserir a pequena moeda a que chamamos “sentido”. A imagem e a linguagem passam na frente.

*O surrealismo:* o último instantâneo da inteligência europeia. Walter Benjamin.

As primeiras imagens vieram como lampejos após a orientação de trabalho sobre Surrealismo feita pelo professor Alexandre Mate. O fato se deu na moradia estudantil da Unesp, onde há anos não havia um aparelho de TV, que não nos fazia falta nem nos mantinha alienados em relação ao mundo. Como tinham o hábito de conversar, numa dessas prosas Emanuela Araújo (Manu) apresentou ao Leonardo Mussi (Leo) a ideia de uma TV que perseguia alguém pela cidade. Isso foi suficiente para que as imagens viessem num fluxo constante. Conseguiram uma caixa de TV antiga, enfeitaram as antenas com bombril e presilhas de cabelo, e compartilharam a ideia com todos da turma. A proposta foi muito bem recebida pelo grupo que passou a discutir como seria o andamento da *performance* e a elaborar o roteiro do vídeo. Concluímos que seria interessante para quem assistisse ao vídeo reconhecer os caminhos. Por isso, pensamos no Museu Paulista do Ipiranga, Metrô Vila Mariana, Centro Cultural São Paulo, Avenida Paulista e, por fim, a chegada ao Instituto de Artes da Unesp.

Para compor os demais quadros, decidimos que cada figura seria de uma cor: Azul (Beatriz Marsiglia), Verde – duende (Camila Andrade), Preto – Menino Carvoeiro (Jorge Peloso), Branco (Leonardo Mussi), Roxa (Emanuela Araújo), Vermelha (Indiara Belo), Fadas (Ana Fuser e Kátia

<sup>52</sup> Beatriz Marsiglia é atriz e arte-educadora, licenciada em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp), integrante do Coletivo Joanas Incendeiam e trabalha em formação continuada de professores da Rede Sesi-SP. Leonardo Mussi é licenciado em Artes Cênicas pela Unesp; formado em direção pela SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco; participou da Companhia Arthéumus de Teatro (2004-2012) e desenvolve pesquisa ligada ao teatro contemporâneo e à *performance*.

Ponte). Cada um pintaria o próprio corpo com a respectiva cor.

A *performance* aconteceu da seguinte maneira:

### **Primeiro movimento**

Na sala de aula, as pessoas eram vendadas, ouviam uma meditação, tinham seus sentidos estimulados com o toque, cheiros e sons agradáveis e recebiam um beijo azul.

### **Segundo movimento**

Em seguida, eram conduzidas ainda de olhos vendados, de mãos dadas, por duas figuras/fadas até a sala onde tudo estava preparado. A sala escolhida não era muito utilizada; queríamos, com isso, criar a sensação de se estar em um lugar sem saber exatamente onde, sentir-se levado para outro plano, outro mundo... o que de fato aconteceu.

### **Terceiro movimento**

As pessoas entravam na sala e sentavam-se em cadeiras dispostas ao longo das paredes, formando um corredor. Elas podiam retirar a venda, embora não houvesse nenhum comando específico para isso. E foi o que ocorreu. A iluminação se dava pelas próprias projeções e por algumas lanternas manipuladas pelo público. Foram utilizadas algumas luzes muito suaves em determinados quadros para valorizar especificamente um ou outro momento.

### **Quadro 1**

A sala estava tomada pela fumaça; no teto, a projeção do vídeo de animação *Estrela de oito pontas* de Fernando Diniz<sup>53</sup>. Ambiente instaurado, o pião de madeira que era lançado ficava girando ao som de uma caixa de música.

<sup>53</sup> Artista plástico, interno do Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro, frequentador das seções de terapia ocupacional da Doutora Nise da Silveira.

## Quadro 2

A seguir, na parede à direita do corredor, próxima à porta, começava a projeção do vídeo em que Manu (de pijama e pintada de roxo) era perseguida pela TV (Kátia Ponte) pela cidade de São Paulo. A projeção terminava com ela chegando ao Instituto de Artes. De repente, batidas na porta da sala. As pessoas assustavam-se. Mais batidas na porta. Manu entrava correndo, como no vídeo, e trancava a porta. Depois de outras tantas batidas na porta, a TV entrava à procura da Manu.

## Entreato

Queda de uma pessoa como se estivesse sonhando que estava caindo num precipício. A Figura/Fada (Kátia) caía no chão; entre espasmos corporais, dava um grito. Aos poucos ia silenciando.

## Quadro 3

Uma Figura Branca (Leo), com uma saia longa de papel vegetal, entrava e começava a dançar/rodar como um dervixe/pião e a movimentar-se como se estivesse tirando várias máscaras que cobriam sua face.

## Quadro 4

Surgia, então, uma espécie de duende verde (Camila Andrade), ao som de Yann Tiersen, com uma gata empalhada como se a estivesse oferecendo ao público, projetado em uma tela como se fosse uma legenda de cinema mudo, anunciando:

Algo Maravilhoso!!!  
Lebre! Lebre! Lebre!  
Olha a Lebre!

Quem vai querer?  
Ei!!! Ei!!!  
Psiu!!! Psiu!!!

Uma brincadeira com o dito popular “Vender gato por lebre”, corriqueiramente proferido por Alexandre Mate em sala de aula, ao som da *Valsa de Amélie Paulain*, de Yann Tiersen.

## Entreato

Queda (Kátia) – continuação.

## Quadro 5

A Figura Azul (Beatriz) aparecia sem as mãos (encobertas por um casaco costurado por dentro). A porta da sala era trancada. Ela tentava sair da sala, sem conseguir. Desesperava-se, pegava vários “remédios” e tomava-os. De repente, a porta se abria. Ela saía.

## Quadro 6

Manu manipulava uma caveira que ria.

195

## Quadro 7

A Figura Branca (Leo), em movimento, começava a se despir, a rasgar a saia e ficava nu, começando a arrancar a pele e a sangrar. (Passei tinta guache no cabelo e na minha pele, cola e depois joguei talco por cima, o que criou uma segunda pele e uma textura; e coleí, com esparadrapo, alguns saquinhos plásticos espalhados pelo corpo com líquido vermelho que, encobertos pela cola e pelo talco, não apareciam a princípio; rasgados, jorravam como se tivesse me cortado). Tudo isso ao som de *Valsa de Amélie Paulain*, de Yan Tiersen (parecendo uma caixa de música).

## Epílogo

Momento de despertar do sonho da queda. A Figura/Fada (Kátia) deitada no chão, de olhos fechados, dava um grito como se acordasse de um pesadelo, tinha um espasmo corporal e se levantava.

Enquanto todas as ações aconteciam, todas as figuras passeavam pelo lugar, seres de todas as cores entre os espectadores, auxiliando na manipulação dos equipamentos, criando um verdadeiro mundo de sonhos.

Durante toda a *performance* o público reagiu como se tivesse adentrado um não lugar, onde a televisão, ícone da mídia – que impõe seus padrões e estereótipos de todas as formas, inclusive morais e comportamentais –, transformou-se num monstro que assustava e perseguia a todos. A reação do público se ampliava, como se tudo fosse realmente um sonho hiperbólico. As figuras de todas as cores, ao passarem, deixavam imagens que se dissipavam rapidamente. Não havia nenhuma linearidade, fazendo com que a plateia ficasse em um momento de suspensão, instante em que tudo poderia acontecer...